

AS TIRANIAS DO PRESENTE: JOVENS E A CONSTRUÇÃO DE SEUS PROJETOS DE VIDA EM TEMPO DE INCERTEZA

Clarice Cassab *

RESUMO

O texto pretende apresentar a discussão acerca da centralidade do trabalho quando da elaboração dos projetos de vida de jovens estudantes, na cidade de Juiz de Fora. Para tanto, foram realizadas entrevistas com estudantes de duas instituições de ensino superior da cidade. O ponto de partida dessa reflexão é a compreensão do trabalho como elemento da sociabilidade do indivíduo. O interesse está focado no indivíduo jovem em seu movimento de formação e qualificação. A questão que se intenta desenvolver é como esses sujeitos, que experimentam as condições de instabilidade, efemeridade e insegurança que marcam o tempo atual, vão tecendo (ou não) as estratégias para a realização de seus projetos de futuro.

Palavra-chave: jovem, trabalho, projeto de vida

INTRODUÇÃO

O texto tem como objetivo discutir a centralidade do trabalho quando da elaboração dos projetos de vida de jovens em Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata Mineira. Sendo recorte da pesquisa *Cidade média e juventudes: práticas sociais e projetos de vida dos jovens de Juiz de Fora*, desenvolvida no NuGea com financiamento do CNPq. A pesquisa foi realizada com jovens estudantes da cidade. Nela pretendeu-se compreender de que maneira o papel de cidade média influencia e condiciona os projetos de vida desses jovens. Dentre os elementos possíveis de serem destacados na pesquisa está a centralidade que o trabalho assume para os jovens. Nele reside o foco desse texto.

Seu o ponto de partida é a compreensão do trabalho como determinação ontológica da individualidade. Tal afirmativa pressupõe um referencial teórico que reflete o trabalho social como portador de uma dupla natureza: criador e alienado e, portanto, só passível de compreensão mediante a relação social que põe em ação. O que significa afirmar que não é possível situar a discussão acerca da importância do trabalho como estruturador e organizador das relações sociais fora da sociedade capitalista. Sendo assim, é a partir da perspectiva de que a produção de indivíduos é socialmente determinada que se busca analisar os projetos de vida e os anseios de jovens estudantes. Foram entrevistados jovens de diferentes perfis etários e de renda e ainda inseridos no estudo. Optou-se por trabalhar com jovens no ensino superior

* Profa. do Departamento de Geociências – UFJF. Email: Clarice.torres@ufjf.edu.br

e na Educação de Jovens e Adultos – EJA por estarem, supostamente, ainda em período de formação. Além disso, trabalhou-se com jovens oriundos de outras cidades e naturais de Juiz de Fora. Por fim, destaca-se que a pesquisa foi realizada com base na História Oral tendo dado ênfase as trajetórias de vida dos jovens e de seus pais. Embora a centralidade da pesquisa estivesse no entendimento da relação entre os jovens e a cidade destacou-se a importância dada ao trabalho por parte dos entrevistados. Dessa importância resultou a reflexão que será apresentada nesse texto.

Para fins de organização o texto foi subdividido em três momentos. No primeiro, uma breve discussão da categoria trabalho enfatizando sua dimensão para a sociabilidade do indivíduo. Nesse caso, o olhar se direciona ao indivíduo jovem e estudante. Segue-se a explanação das implicações do período de acumulação flexível nas percepções sobre o trabalho e na constituição dos sentidos de insegurança e instabilidade que passarão a constituição dos sujeitos jovens e da elaboração de seus projetos de vida. Por fim, pretende-se apresentar a crítica ao debate que correlaciona positivamente as novas formas de trabalho engendradas pela chamada “pós-modernidade”¹ e a juventude. Nesse momento, espera-se ter alcançado a dimensão central do trabalho para os jovens.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO

Sendo uma das determinações da individualidade o trabalho configura-se como atividade transformadora, forma de apropriação do mundo que, por sua vez, se dá pelo movimento das “forças naturais pertencentes à sua corporalidade [do Homem], braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida” (MARX, 1985:149). Nesse processo criador o indivíduo não apenas transforma o mundo como também a si mesmo, realizando suas potências. Como abstração simples o trabalho é, para Marx (1985), a atividade orientada para a produção de valores de uso, condição do metabolismo entre o Homem e a Natureza. Todavia, é importante esclarecer que nessa construção não há a dualidade dicotômica entre Homem e Natureza, própria da Modernidade. Ao contrário, Marx opera dialeticamente essa relação, iluminando a indissociabilidade entre ambos no processo de trabalho pois, este é, para o autor, “inteiramente natural e, ao mesmo tempo, inteiramente humano” (HARVEY, 2013:113). É assim que;

Não podemos transformar o que se passa ao nosso redor sem transformar a nós mesmo. Inversamente, não podemos transformar a nós mesmos sem transformar o que se passa a nosso redor. O caráter unitário dessa relação dialética, mesmo que implique uma “exteriorização” da natureza e uma “interiorização” do social, jamais pode ser eliminado (HARVEY, 2013:114).

Nessa concepção, o trabalho é um ato de liberdade. Atividade pelo qual o indivíduo vence as propriedades da matéria, moldando-as e superando-as, e nesse movimento realizando o fim desejado pelo sujeito ativo. Todavia, no modo de produção capitalista essa dimensão é suplantada por aquela que transforma o trabalho em atividade estranhada.

A sociabilidade do capital exigirá uma nova configuração do trabalho na qual seu processo e seu produto serão exteriores em relação aos indivíduos. Isso porque há o imperativo da troca sobre o uso, cuja consequência é a produção de algo que é estranho e independente e não pertencente aquele que produziu, pois que “o processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem” (MARX, 1984:154).

Por essa razão, conforme salienta Alves (1999:55) “o mundo constituído pela atividade dos indivíduos é caracterizado pelo fato de ser um mundo de coisas independentes, reificado, onde relações, nexos e atos, tomam a forma de coisas externas e completamente autônomas”. Ao transfigurar-se de atividade criadora para simples meio de sobrevivência física, o trabalho se reduz àquela atividade pela qual o trabalhador satisfará suas necessidades, tornando-se para o trabalhador;

(...) apenas um meio para poder existir. Trabalha para viver. Ele nem sequer considera o trabalho como parte de sua vida, é antes um sacrifício da sua vida. É uma mercadoria que adjudicou a um terceiro. Por isso, o produto da sua atividade tampouco é o objetivo da sua atividade (...) A vida para ele, começa quando termina essa atividade, à mesa, no bar, na cama. As 12 horas de trabalho não têm, de modo algum, para ele, o sentido de tecer, de fiar, de perfurar etc, mas representam unicamente o meio de ganhar o dinheiro que lhe permitirá sentar-se à mesa, ir ao bar, deitar-se na cama (MARX, 2006:36-37).

Tal estranhamento – do processo e do produto do trabalho – implicará em uma sociabilidade em que os indivíduos aparecem como destacados e independentes do coletivo e em que seus nexos constitutivos são também exteriores aos próprios indivíduos. Isso significa afirmar que os liames sociais que unem o indivíduo como ser social a sociedade são desfeitos e a sociabilidade que se instaura, pela forma da propriedade privada e do trabalho estranhado, é aquela em que a finalidade não é a manutenção da vida comunal e sim a simples aglutinação

de indivíduos produtores de valores de troca. Nela a conexão se dá pela via do mercado, pela troca das mercadorias produzidas pelos indivíduos, agora isolados do todo social.

Resulta dessa forma de sociabilidade que este indivíduo agora “alienado e estranhado diante do produto do seu trabalho e diante do próprio ato de produção da vida material (...) torna-se um ser estranho diante de si mesmo” (ANTUNES, 2005:71). Tudo se reduz a medida do indivíduo que torna-se, por sua vez, estranho em relação ao próprio gênero humano.

Ao rebaixar o trabalho a mera esfera da sobrevivência – pois o indivíduo trabalhador apenas troca sua capacidade de trabalho por um *quantum* que lhe garanta sua manutenção – o trabalho somente se realiza, na sociedade capitalista como social, pela via da participação no mercado de trabalho. Sob essa lógica a inserção social como sujeito individual ou coletivo depende da via do assalariamento e portanto do emprego. O trabalho é, assim, não apenas o caminho da subsistência como também um modelo de reconhecimento mútuo, pois através dele os indivíduos sentem-se social e moralmente inseridos.

Dessa forma é possível compreender como ainda na atualidade o trabalho e o emprego configuram-se como centrais, pois implicam o reconhecimento material e simbólico necessário a capacidade de costurar estratégias no tempo que direcionem para a formação de projetos futuros. Dito de outra forma, mesmo que organizado de maneira estranhada ao trabalhador, o trabalho permanece sendo uma das condições para a elaboração do projeto de vida dos sujeitos. Resta compreender como, a partir dos processos desestruturadores do mundo do trabalho essa centralidade ganha forma para os indivíduos jovens.

ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL, TRABALHO E O PROJETO DE VIDA DOS JOVENS

A readequação do capitalismo a partir da superação do modelo de acumulação fordista por formas produtivas desregulamentadas e flexíveis centrou-se, em linhas gerais, na maior automação, na busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, na dispersão para zonas de controle do trabalho mais fácil e nas fusões e medidas para acelerarem o tempo de giro do capital. Para que essa aceleração ocorresse também foram necessárias mudanças no tempo e na forma do consumo, alcançadas através do investimento em estratégias que impulsionassem um maior consumo. A indução de novas necessidades só se tornou plausível quando da substituição da estética relativamente estável da modernidade por aquela que “celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais” (HARVEY, 1994:148).

Tais alterações na forma de produção do capital implicaram, portanto, em profundas transformações em todas as esferas da vida social. No âmbito da produção o que se viveu foi à intensa flexibilização dos processos de trabalho e do próprio trabalhador. Nesse sentido é que o capital, embora não podendo eliminar por completo o trabalho, passou a exigir cada vez mais o trabalho parcial, terceirizado e flexível. Já no âmbito do consumo investiu-se na descartabilidade e na efemeridade das mercadorias, dadas tanto pela redução do tempo de vida dos produtos quanto pela produção de novos e variados valores de uso, capazes de incentivarem o consumo ao inventarem novas necessidades. Por fim, do ponto de vista da sociabilidade dos indivíduos tem-se o acirramento de valores associados ao individualismo e a competição.

Para Castel e Haroche (2011), trata-se do enfraquecimento da identidade coletiva decorrendo na constituição de novas formas de individualidade e na descoletivização, que coloca em xeque o pertencimento coletivo dos indivíduos ao forjarem uma nova sociabilidade cada vez mais centrada na individualização. Para os autores, esse indivíduo não adere a mais nada. Sendo fortemente marcado pelo excesso de subjetividade ele se orienta no mundo exclusivamente conforme seus interesses.

Nesse novo cenário imperam os sentidos de instabilidade e insegurança. Num mundo onde tudo é descartável, mutável e fluído o tempo presentificado anula o futuro. A consequência é a corrosão da confiança, da lealdade e do compromisso mútuo, como dirá Sennett (2007). O que se produz é um individualismo sustentado pela desconfiança em relação ao outro, a sociedade e ao mundo em que qualquer forma de engajamento criador de vínculos seria refutada.

A sociabilidade, determinação fundante do indivíduo como ser social, torna-se ainda mais refém da sociabilidade do capital que, por seu turno, se aprofunda e penetra intensamente como determinante da vida do indivíduo “pós-moderno”. A individualização do indivíduo é ainda mais gritante bem como a perda da capacidade de reconhecer-se como parte constitutiva da sociedade, e como tal de recíproca responsabilidade. Sennett parece ser preciso em suas indagações:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. (...) o capitalismo de curto prazo corrói (...) sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres

humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável (SENNETT, 2007:27).

O que se vive é a radical exteriorização do indivíduo em relação ao todo social que, agora obstáculo, leva-o a urdir seus projetos de vida, cada vez mais por conta própria e sob os desígnios do presente e da insegurança. Tais condições obrigam a se pensar nos jovens e nas condições de elaboração e realização de seus projetos de vida nesse contexto em que a instabilidade e o medo pelo futuro são imperativos.

É ainda comum a associação entre juventude e instabilidade. Nessa associação o jovem aparece como sendo naturalmente flexível e capaz de dar respostas rápidas em diferentes situações. Dinâmico e mutável, o jovem estaria sempre disposto a mudanças. Essa imagem parece vestir como uma luva em tempos de flexibilização. Para Sennett (2007:110), “a ênfase na juventude é uma consequência da compressão da vida de trabalho” e da divulgação da ideia de que

(...) os trabalhadores mais velhos tem esquemas mentais inflexíveis e são avessos ao risco, além de não terem a simples energia física necessária para enfrentar as exigências da vida no local de trabalho flexível (...). Flexibilidade equivale à juventude; rigidez, a idade (SENNETT, 2007:110).

No entanto, se é verdade que do ponto de vista do capital e dos mecanismos que levam a aceleração de seu tempo de giro, o jovem parece estar mais apto as novas exigências da “pós-modernidade”, um olhar mais direcionado a eles conduzirá a outra realidade. Para tanto, cabe inicialmente questionar o sentido de juventude que sustenta essa associação eminentemente positiva entre jovem e flexibilização. A leitura mais aguçada sobre a juventude e os sentidos de ser jovens conduz para além dessa aparência possibilitando a compreensão da juventude como uma representação simbólica fabricada pelos grupos sociais.

Este é o sentido de se afirmar a juventude como uma categoria socialmente construída. Ou seja, uma representação forjada tanto pelos grupos sociais quanto pelos próprios jovens e que busca traduzir um conjunto de comportamentos, atitudes, aparências a ela atribuídos. Desta forma, a categoria juventude distancia-se de uma simples definição etária para se aproximar daquela fundamentada na compreensão de que ela é uma representação simbólica e uma situação vivida em comum pelos indivíduos jovens (CASSAB, 2011:153).

Tal afirmativa implica entender os limites de se tratar a juventude como fase e o jovem como instável e melhor capaz de se adaptar e construir sua vida em um tempo e um cenário de

instabilidade e insegurança. Pensada como categoria social, a juventude é constantemente construída e reconstruída no próprio movimento da sociedade. Assim, se antes essas supostas características próprias da juventude – instabilidade, gosto pelo risco e mutabilidade – deveriam ser disciplinadas com o intuito de garantir a formação de um homem adulto respeitável (e para isso o trabalho fordista cumpriria bem essa função) hoje, os arroubos juvenis, sua presumida propensão a mudança e sua aptidão para mover-se em solo instável e inseguro, são valorizados e incentivados nas esferas da produção e do consumo flexível.

Destarte, se por um lado a imagem da juventude poderia respaldar a idéia da flexibilização, por outro, a própria juventude vem expressando cada vez mais seus anseios por emprego, estabilidade e segurança. Anseios esses que se expressam, inclusive, na dificuldade de estabelecerem projetos de vida ancorados nas condições concretas de seu tempo presente.

Durante a pesquisa com os jovens em Juiz de Fora dois aspectos se destacaram. O primeiro é a centralidade que o trabalho assume quando da anunciação de seus projetos². De modo geral, quando perguntados sobre o que planejam para seu futuro todos disseram querer ingressar num “bom emprego”, “crescer profissionalmente”, “investir num negócio”. Para eles, a realização desses desejos implica num bom emprego no setor privado e/ou a possibilidade um concurso público que lhe garantisse estabilidade.

A inserção positiva no mundo do trabalho, através de um bom emprego em sua área de formação, sendo reconhecido e tendo um bom salário, foi o principal desejo expresso pelos jovens da pesquisa. É assim que, por exemplo a jovem vinda de Carangola, interior de Minas, afirma que seu projeto ao se formar está diretamente associado ao seu trabalho atual, resultado de sua trajetória. Dona de salão de beleza a jovem pretende se qualificar dentro do campo de trabalho que já atua. Vinda com a família para Juiz de Fora ainda com 14 anos, em função da mudança de emprego do padrasto, a jovem intenciona investir em seu negócio e “crescer na vida”. Também outro, ao ser questionado sobre seus projetos após a conclusão de seu curso, apesar da sua hesitação afirma:

Acho que talvez a minha idéia seria ou formar no Bacharelado Interdisciplinar e fazer um mestrado, talvez em Geografia ou História né, porque eu acho que isso possibilita a gente dar aula por exemplo, não tenho certeza, ou então fazer um concurso público, estudar bastante né, passar num concurso, trabalhar (entrevista de campo, 2013).

Ambas as opções expressas pelo jovem caminham pelo mundo do trabalho. Tanto na continuidade dos investimentos para sua qualificação – fazer o mestrado para que futuramente

possa dar aulas – quanto na realização de um concurso público. Suas trajetórias, suas escolhas e as oportunidades que aparecem ou são construídas se direcionam para a realização de projetos de vida eminentemente sustentados na qualificação e na prática profissional, que lhes possibilitariam segurança e estabilidade no futuro. Nesse caso, foi comum entre as falas a realização de concursos como um dos caminhos para se alcançar essa estabilidade profissional, como também expresso por outro jovem estudante: “Em Juiz de Fora, pretendo continuar advogando, mas provavelmente vou acabar fazendo concurso que é mais tranquilo pro futuro”. O que eles procuram no concurso é a possibilidade de estabilidade e segurança. Conforme Guimarães (2004), para os jovens o trabalho resulta também de sua urgência enquanto um problema, pois,

(...) é, sobretudo enquanto um fator de risco, instabilizador das formas de inserção social e do padrão de vida, que o trabalho se manifesta como demanda urgente, como necessidade, no coração da agenda para uma parcela significativa da juventude brasileira. (GUIMARÃES, 2004:12)

É, portanto, pela via do trabalho que ele almeja realizar sua autonomia financeira, sua inserção como “sujeito produtivo” e um status moralmente aceito. Também ele aparece como condição para a permanência ou não em Juiz de Fora. Embora alguns afirmem o desejo de permanecerem na cidade depois de formados também admitem a possibilidade de saírem na busca por melhores empregos. Como diz um dos jovens entrevistados:

Eu vou me formar daqui um ano e meio. Eu pretendo inicialmente, se eu arrumar emprego aqui, eu fico aqui. Pretendo fazer MBA em gestão de projetos aqui na UFJF mesmo. Se eu não conseguir emprego aqui eu vou para onde eu conseguir emprego (entrevista de campo, 2013).

O vínculo social pela via do trabalho – representada na maioria das vezes pelo assalariamento e pelo emprego formal – permanece sendo uma realidade concreta. Essa inserção é fundamental na constituição de uma auto-identificação social que faz com que haja um reconhecimento coletivo e a possibilidade de uma ação política. O trabalho é, dessa forma, condição essencial na construção das esferas de sociabilidade. Pois, dentre as múltiplas possibilidades simbólicas que contribuem na construção da identidade dos sujeitos o trabalho ainda hoje é central.

Alia-se ao trabalho o desejo de constituírem família, realizando-se também afetivamente. Uma das jovens diz que pretende se “formar, casar, ter filhos é, ser bem sucedida, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente”.

O segundo aspecto destacado pela pesquisa foi significativa a dificuldade que esses mesmos jovens tem em formularem seus projetos bem como em determinarem as condições para a sua realização. Embora tenham um horizonte de construção do futuro – se formarem, trabalharem na área, terem independência financeira – quando diretamente perguntados sobre qual seria seu projeto de vida alguns apontaram a relutância em projetarem o futuro. Foi comum na fala deles expressões como “não dá para saber” ou “depois vejo o que faço”. É o que se percebe quando um dos jovens diz:

Não sei muito bem o que eu pretendo. Às vezes eu penso em investir no cenário cultural daqui da cidade ficar por aqui, às vezes eu penso em seguir a carreira de publicitário, e ir para um grande centro aí onde eu vou ter mais oportunidades (entrevista de campo, 2013).

Projetar-se no futuro não é algo provável de ocorrer com aqueles que não tem o controle do seu presente. É assim, que ao serem questionados sobre o que projetam para sua vida, como se vêem no futuro, o que desejam realizar e o que precisam fazer para atingirem seus projetos, parte significativa dizem não saberem responder ou expressam não terem clareza do que querem. Também, em algumas falas foi notório o apuro em estabelecerem projetos num tempo mais estendido. É assim que, embora sejam capazes de verbalizarem seu desejo para o futuro – um bom emprego, uma família, estabilidade financeira e afetiva – eles não souberam materializar esse desejo em ações que deveriam ser realizadas no presente para que o futuro esperado se concretizasse.

Tal dificuldade de se projetarem para o futuro relaciona-se a um sentido de tempo cada vez mais presentificado para os jovens. A percepção de um presente eterno, a insegurança quanto ao futuro, a pouca facilidade em desenharem sua vida no tempo, de definirem estratégias para a realização de seus projetos e de tomarem a rédea do tempo e dos rumos de sua vida também se manifestam nas falas de dois dos jovens quando perguntados sobre o que farão após se formarem na universidade. Eles respondem:

Não sei. Isso eu não vou poder te responder. Projetar é um negócio fácil né, difícil é você realizar seus projetos. Assim, não sei, porque a vida toma formas assim, que não dá pra eu te responder (entrevista de campo, 2013).

Atualmente, só me formar, formar, tá bom depois a gente pensa (entrevista de campo, 2013).

A dimensão do tempo está presente na concepção de projeto de vida, compreendido como o movimento em direção ao futuro. Mas não um futuro idealizado e sim enraizado no

tempo presente, o que significa que ele é condicionado pelas aspirações do presente, sendo portanto dependente das nossas escolhas.

Por essa razão, Mendes (2008:102) afirma que o futuro deve ser entendido como tempo futuro como “um tempo-devir, em que se realiza no presente, uma projeção para – e não em – o futuro. É uma dimensão qualitativa, na qual o presente adquire sentido na relação com o passado e o futuro, perpassado por transformações”.

O futuro concebido como sendo o tempo-devir é simultaneamente objetivo e subjetivo. Como objetividade ele se impõe a todos pelo correr do tempo. Em sua dimensão subjetiva os indivíduos atribuirão valores diferenciados a cada acontecimento de suas vidas. Para a autora, é “entre o antes e o após dos acontecimentos, no tempo presente, que se situam as escolhas e orientações do devir” (MENDES, 2008:103).

Os projetos de vida estariam situados na dimensão do após, sendo a construção de algo a ser realizado a partir de escolhas e possibilidades mediadas pelas condições históricas, sociais, culturais e econômicas do tempo presente e atravessados pelas mediações das experiências passadas. O presente é, portanto, condição para o futuro. Contudo, diante de um presente absoluto e incerto, os jovens manifestam essas mesmas qualidades quando desafiados a pensarem seus projetos de vida. Para muitos deles seus projetos são condicionados pelas trajetórias individuais, familiares e sociais que vão estabelecendo distintas formas de relação e representação com o mundo.

Apesar de terem como meta se formarem e trabalharem na área não são claras as estratégias a serem adotadas ao longo dessa trajetória. Há, contudo, o reconhecimento de que é pela via do trabalho – e em especial aquele que lhes dê um mínimo de segurança e estabilidade, daí a forte ênfase nos concursos – que eles poderão garantir o sucesso de seus projetos. Também é significativa a presença da família como elemento de suporte. Estão em seus familiares e em seu esforço próprio as condições para a realização de possíveis projetos.

Para os entrevistados o sucesso de seus objetivos está depositado no trabalho, na família e em si mesmo. O que significa que reconhecem no campo do indivíduo e da família as condições necessárias para a sua realização. No plano individual os jovens afirmaram necessitarem de força de vontade, de estudo e disciplina. No plano familiar, o apoio dos pais, amigos e familiares. Não há um reconhecimento claro, por exemplo, do papel do Estado para a realização desses projetos que são individuais mas também sociais. Os próprios jovens desresponsabilizam o Estado e transferem para si e seus familiares as causas de seu sucesso ou fracasso.

A individualização como forma da sociabilidade moderna ganha uma tonalidade ainda mais forte num cenário de insegurança e instabilidade em que a apreensão sobre o que poderá vir a acontecer é uma constante. Para os jovens a concretização de seus projetos se daria exclusivamente no âmbito da esfera privada e familiar dando a falsa impressão de que seriam independentes dos contextos e condicionantes sociais. Castels e Haroche (2001) ao tratarem dos que denominam de “indivíduo hipermoderno” ponderam que aqueles

não são mais estruturados pelo social da mesma maneira que antes, é a própria noção do social que teria tendência a se apagar. Eles não vêem mais o social como uma instância, uma esfera exterior a eles, a qual eles deveriam se referir e se identificar (CASTELS e HAROCHE, 2001:133).

O sentimento de “estar só” e depender apenas “de si mesmo”, correlaciona-se ao processo de constituição do indivíduo moderno e tem suas raízes na dissolução dos laços sociais que uniam o indivíduo a comunidade (Marx, 2011). Todavia, embora ele esteja no berço do modo de produção capitalista, a individualização do indivíduo ganha expressão ampliada com a chamada acumulação flexível. Momento em que, pela competitividade e pelo sentido de instabilidade, os indivíduos cada vez mais, aparecem como isolados uns dos outros e independentes da sociedade. Para Baumann (2008:163), o que se observa é a “dissolução universal das identidades, com a desregulamentação e a privatização dos processos de formação de identidade, com a dispersão das autoridades, a polifonia das mensagens de valor e a subsequente fragmentação da vida”.

Uma das expressões dessa fragmentação da vida referida pelo autor é a perda e/ou enfraquecimento de valores de solidariedade social e dos laços que unem indivíduo e sociedade. Nesse horizonte, portanto, a exteriorização do indivíduo em relação à sociedade implica, dentre outras coisas, na desresponsabilização mútua. Dessa perda, impulsionada pela competitividade e pelo sentido de instabilidade, os indivíduos cada vez mais, aparecem como isolados uns dos outros e independentes da sociedade. E o Estado como um ente distante e demiurgo. É o que parece expressar a fala daqueles que sustentam apenas na esfera privada as possibilidade de fracasso ou sucesso de seus desejos, anseios e projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto teve como proposta construir uma linha argumentativa capaz de unir os condicionantes sociais característicos da atualidade e a elaboração e realização dos projetos de

vida de jovens estudantes em Juiz de Fora. Para tanto, o ponto de origem foi a elucidação da categoria trabalho a partir de sua dupla dimensão: criadora e estranhada. Tal debate possibilitou compreender os efeitos na vida dos jovens das mudanças oriundas da emergência de novos mecanismos e processos de produção e consumo marcados pela flexibilização. Isso porque, entende-se que o trabalho é elemento constitutivo da sociabilidade e da individualidade desses jovens. Isso porque é a dimensão do trabalho que aparece em suas falas quando questionados sobre seus projetos de vida.

É ele o motor que possibilitaria a realização de seus projetos bem como o caminho para a segurança e instabilidade almejadas. É assim que o trabalho adquiriu tanto a conotação de realização econômica como também psicológica e simbólica. Foi possível notar essa dupla dimensão. Pelo trabalho não apenas vislumbra a realização de seus projetos como ele é o elemento central na configuração de seus projetos de vida.

Todavia, o esforço pela conquista de segurança e estabilidade se confronta com a velocidade e a instabilidade que marcam a sociedade atual e que, por seu turno, refletem a experiência do tempo tanto na produção como no consumo. Assim que a discussão sobre a flexibilização conduziu ao reconhecimento de que tais alterações implicaram, em realidade, numa mudança que se deu na totalidade da vida social. No escopo do texto foram enfatizadas duas delas: os sentimentos de risco e instabilidade e o aprofundamento dos processos ligados a exacerbação da individualização do indivíduo.

A tirania do presente se impõe sobre o passado, como experiência, e sobre o futuro, como projeto e devir. Insegurança e medo vão organizando a vida social de tal forma que aprofundam ainda mais a ruptura dos elos que ligam os indivíduos uns com os outros e com a sociedade. O indivíduo forjado nesse contexto sente-se cada vez mais só no mundo. Jogado a própria sorte, contando apenas com a família, quando muito. Para Sennett (2007:159), fabrica-se “um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências”. Esse eu é aquele que se origina das “condições adequadas à experiência de trabalho de curto prazo, a instituições flexíveis e ao constante correr riscos”. Será nesse universo que os jovens emergiriam como sujeitos naturalmente dotados daquelas características necessárias a vida “pós-moderna”. Rapidez em propor respostas, criatividade, capacidade de agir sob pressão e de reagir positivamente diante do risco, seriam algumas delas.

Entretanto o que se nota é que os jovens experimentam com mais agudeza as inflexões impostas pelo processo de acumulação flexível. São eles os que provam um tempo incerto onde as experiências do passado perdem força e/ou importância, pois já não servem de guia

para o presente e nem para o futuro, sendo este último irrelevante, já que é o presente a medida de todo o tempo. A apreensão, o medo, a insegurança são recorrentes em suas falas e ganham forma nas dificuldades de elaborarem seu projeto de vida, no desejo por estabilidade financeira e afetiva, no temor de não conseguirem se realizar profissionalmente, na extrema individualização, na desresponsabilização diante do outro e na sensação de “poder contar apenas consigo mesmo”. O indivíduo “pós-moderno” anuncia-se como sendo aquele flexível, isolado, desenraizado e presentificado.

O contraponto ao tempo presentificado e o sentimento de descartabilidade é a busca por segurança e estabilidade concebida na fala dos jovens pelo desejo de um bom emprego e de uma família. Todavia, isso não se dá sem que haja o enfraquecimento do sentido de futuro e de continuidade. Portanto, embora o discurso da “pós-modernidade” e da flexibilização identifiquem nos jovens os sujeitos emblemáticos desse novo tempo cada vez mais veloz, mais instável e mais mutante, a realidade da vida de muitos deles parece indicar outra face. Sua busca por segurança sugere o quanto à associação direta entre flexibilidade e juventudes desconsidera as implicações reais na vida desses sujeitos.

Resgatar uma sociabilidade centrada no fato de que os indivíduos só existem uns para os outros, implica entender que o viver comum não é apenas uma contingência ou um momento. Ele se constitui como a própria essência do indivíduo e que condiciona sua existência e sua forma de estar e ser no mundo. Projetar-se no futuro só é possível quando se tem o controle sobre o presente e quando existe a confiança no futuro. E para os jovens o trabalho ainda parece ser o caminho e a salvaguarda para o futuro desejado mesmo que sob um cenário de insegurança, instabilidade e medo.

ABSTRACT

The text intends to present the discussion of the centrality of work in the preparation of projects of young students in the city of Juiz de Fora. For both, interviews were conducted with students from two institutions of higher education in the city. The starting point of this reflection is the understanding of the work as an element of the sociability of the individual. The interest is focused on the individual young in its movement of training and qualification. The question to be developed is how these subjects, which are experiencing the conditions of instability, ephemerality and insecurity that mark the current time, will be weaving (or not) the strategies for the implementation of their projects in the future.

Keyword: Young, work, life project

NOTAS

¹ Optou-se pela adoção das aspas a fim de sublinhar a existência do intenso debate relativo a esse termo. Todavia, tal debate não é central no texto. Para mais ver autores como Paul Virilio, Frederic Jameson, Z. Bauman, Boaventura de Sousa Santos dentre outros.

² Em outra pesquisa desenvolvida no NuGea essa centralidade também se manifestou. Ver CASSAB (2007).

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. L. *Individualidade nos Grundrisse de Karl Marx*. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado (Filosofia). Belo Horizonte. UFMG/FAFICH, 1999.

ANTUNES, R. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

BAUMANN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASSAB, C. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. In. *Locus Revista de História*. Juiz de Fora, v. 17, n.02, 2011.

_____. Das correntes de Prometeu a sociedade do não-trabalho? reflexões sobre a centralidade do trabalho a partir da juventude. *Revista Libertas*, Juiz de Fora, v.1, n.2, p.136 - 151, jun / 2007.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, R. e HAROCHE, C. *Propriété privée, propriété social, propriété de soi: entretiens sur La construction de l'individu moderne*. Paris: Fauard, 2001.

GUIMARÃES, Nadya. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In. ABRAMO, Helena & Branco, Pedro (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: edições Loyola, 1993.

_____. *Para entender O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.00

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Vol. 1, livro primeiro. Rio de Janeiro: editora Abril, 1983.

_____. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENDES, Juliana. *O projeto de vida dos jovens pobres na vivência do tempo presente*. Dissertação de mestrado (Serviço Social). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2008.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. São Paulo: Record, 2007.